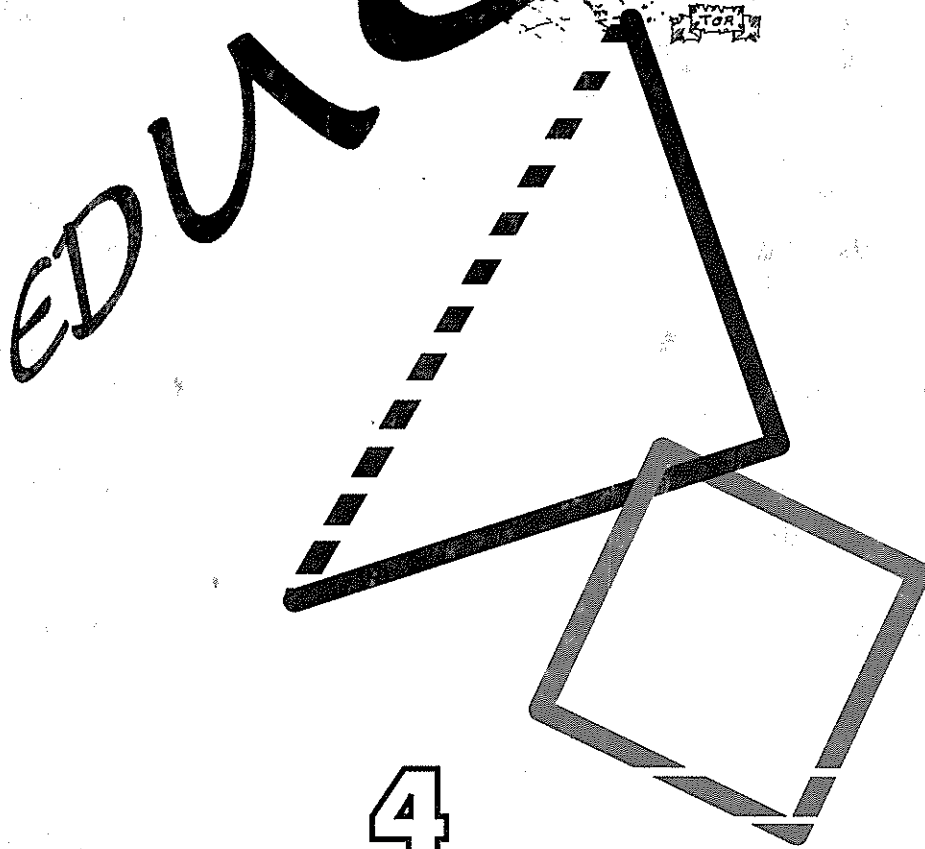


**4**

DESENVOLVIMENTO DO AUTO CONCEITO: O COMPLEXO UNIVERSO DOS FACTORES DETERMINANTES DA IMAGEM CORPORAL (1)

*António Faustino **

RESUMO

No âmbito do Desenvolvimento Motor, o objectivo da presente pesquisa é analisar o desenvolvimento do Auto Conceito, estando organizado em três partes distintas.

Na primeira parte procede-se a uma delimitação conceptual do termo Auto Conceito e à caracterização de modelos de interpretação estrutural do Auto Conceito.

Na segunda parte procede-se a uma caracterização do Auto Conceito Físico e da Imagem Corporal.

Na terceira parte procede-se à descrição e caracterização das linhas de investigação realizadas sobre o Auto Conceito / Imagem Corporal e, em jeito de conclusão, apresenta-se um resumo das investigações realizadas. Procurou-se focalizar a análise das seguintes linhas: evolução ontogenética; diferenciação segundo o sexo; relação entre o Auto Conceito/Imagem Corporal e Variáveis do Envolvimento - práticas educativas familiares; estatuto sócio-económico-cultural da família; ordem de nascimento; espaço habitacional; interacção com outros; actividade física (este último ponto, dada a sua extensão será motivo de artigo a publicar no próximo número).

Finalmente e em jeito de conclusão, apresenta-se um resumo das investigações realizadas.

Palavras-chave: Auto Conceito, Imagem Corporal, Variáveis Biossociais e Variáveis Motoras.

1. INTRODUÇÃO

O Corpo, segundo Amann-Gainotti & Antenore (1990), quer como objecto quer como sujeito da experiência, tem sido estudado de muitos pontos de vista: morfologia, motilidade, percepção, imagens mentais, cognição, emoções e relações sociais.

* Professor Adjunto. Escola Superior de Educação de Castelo Branco

¹ Artigo elaborado a partir da revisão da literatura da Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação - Metodologia da Educação Física, realizada sob a orientação científica do Prof. Doutor Carlos Alberto Ferreira Neto. Laboratório de Desenvolvimento Motor - Faculdade de Motricidade Humana - Universidade Técnica de Lisboa.

Nos últimos cem anos, como refere Erhartic (1977: 7), os psicólogos acreditaram que o potencial de aprendizagem estava limitado por factores biológicos, o principal dos quais a inteligência. Mas o advento da corrente humanística levou muitos teóricos do Auto (Allport, 1943; Havinghurst, 1948; Rogers, 1951; Jersild, 1952; Erikson, 1963) a defenderem que o factor não biológico do Auto Conceito desempenha um papel significativo no processo educativo.

2. DELIMITAÇÃO CONCEPTUAL E MODELO DE INTERPRETAÇÃO ESTRUTURAL DO AUTO CONCEITO

Segundo vários autores (Wylie, 1974, 1979; Shavelson, Hubner & Stanton, 1976; Zaichkowsky, Zaichkowsky & Martinek, 1980; Gallahue, 1989; Faria & Fontaine, 1990) uma revisão da literatura respeitante ao Auto Conceito apresenta uma grande confusão sobre o que este termo significa, apesar de algumas definições se sobreporem entre si.

Para a fundamentação da pesquisa procurou-se enfatizar o estudo do EU.

Gallahue (1989) afirma que neste estudo tem sido utilizada uma variedade de termos com o prefixo «Auto» seguido de traço de união, a saber: Auto Confiança, Auto-Imagem, Auto-Estima, Auto Conceito.

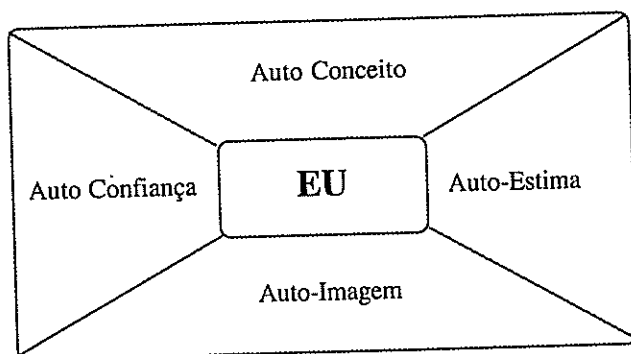


Figura 1 - Termos comumente utilizados para descrever a percepção própria do EU (adaptado de Gallahue, 1989: 357).

Como resultado, existe uma grande confusão entre significados, similaridades e diferenças, notando-se uma clara sobreposição e utilização recíproca destes termos na forma como são normalmente referenciados na literatura. Pelo que Gallahue (1989: 352), numa tentativa de clarificação, recorre a uma delimitação conceptual em que define:

- * *Auto Conceito* - como um termo abrangente sob o qual são categorizadas outras variações do Eu. Sendo entendido como «o conhecimento que o indivíduo tem das suas características pessoais, dos seus atributos e das suas limitações, na medida em que estas qualidades quer se goste ou não são como as dos outros».
- * *Auto-Estima* - «é o valor que se atribui às suas próprias características, atributos e limitações». Assim, enquanto o auto conceito é apenas a percepção própria do eu, a auto-estima é o valor que cada um se atribui a essa percepção.

* Auto Confiança - é o termo utilizado para indicar «a crença na capacidade própria de executar qualquer tarefa mental, física ou emocional». Representa a capacidade antecipada de enfrentar determinados desafios e ultrapassar obstáculos ou dificuldades.

* Auto-Imagem - ainda que apareça referenciado, este termo não merece qualquer consideração ao autor.

Ainda segundo o mesmo autor, uma questão que tem intrigado teóricos e investigadores ao longo das décadas é a natureza geral ou a especificidade do Auto Conceito. A qual resume da seguinte forma: **o Auto Conceito é um traço global ou pode ser diferenciado em vários componentes?**

Fox (1988a, 1988b) dá-nos uma ideia dos modelos de estrutura da Auto-Estima.

Para este autor, durante muitos anos, os psicólogos entenderam a Auto-Estima como uma entidade unidimensional.

A crença de que os indivíduos podem ter avaliações perceptivas de si mesmos muito diferentes em diferentes aspectos das suas vidas, como sejam as relações sociais, as capacidades académicas ou o aspecto físico, conduziu à aceitação corrente do Auto como objecto multidimensional.

No entanto, alguns investigadores (Epstein, 1973; Shavelson et al., 1976; Marsh, 1987) sugeriram uma organização diferente da Auto-Estima. As conceptualizações actuais do constructo «Auto» sugerem uma organização assente num modelo hierárquico.

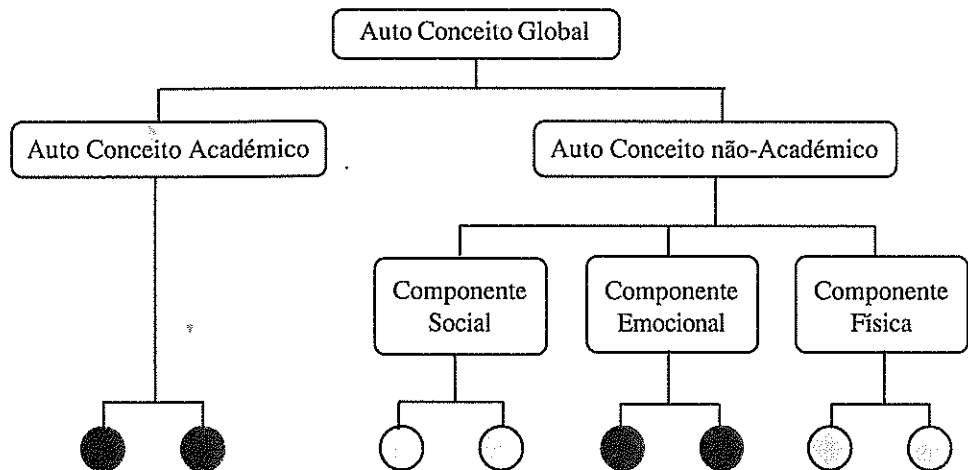


Figura 2 - Modelo Hierárquico da estrutura do Auto Conceito (adaptado de Shavelson, Hubner & Stanton, 1976: 413, e de Fox, 1988a: 248, 1988b: 233).

O modelo hierárquico multidimensional educacionalmente orientado, da autoria de Shavelson, Hubner & Stanton (1976), tem recebido suporte empírico de vários estudos (Fleming & Watts, 1980; Fleming & Courtney, 1984; Marsh & Shavelson, 1985; Marsh, 1987).

Este modelo sugere que se possui um Auto Conceito global relativamente estável no cume, que é o resultado de percepções avaliativas em vários domínios da vida, como sejam o Académico e o Não Académico, por sua vez sub-dividido em Social, Emocional e Físico. Cada domínio é hipoteticamente considerado como representando os efeitos combinados de

percepções de um nível inferior da hierarquia numa série de sub-domínios de maior especificidade, isto é, à medida que se desce na hierarquia as percepções tornam-se cada vez mais fraccionadas e específicas.

Parece poder admitir-se a existência de uma componente física do Auto Conceito global, a qual, ao sofrer alterações, pode influenciá-lo.

3. CARACTERIZAÇÃO DO AUTO CONCEITO FÍSICO E DA IMAGEM CORPORAL

Williams (1983) procedeu a uma sistematização do que denominou de Auto Conceito Físico, que por sua vez considera dividido em três sub-componentes, a saber: o Esquema Corporal, o Conhecimento Corporal, a Imagem Corporal.

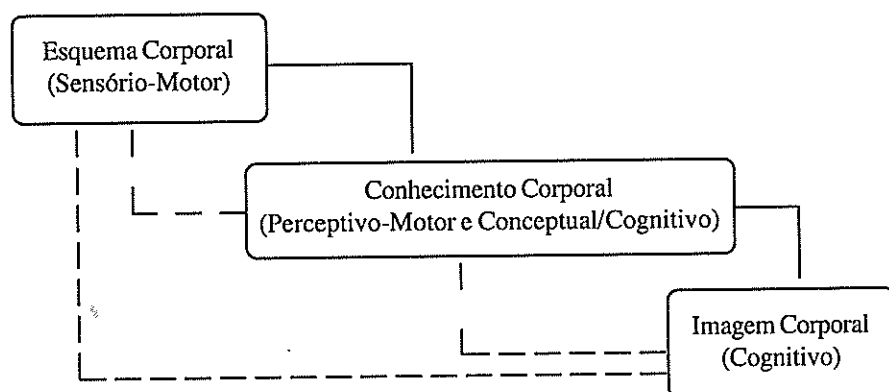


Figura 3 - Componentes do Auto Conceito Físico (adaptado de Williams, 1983: 283).

Segundo esta perspectiva os processos envolvidos no desenvolvimento do Conhecimento Corporal estão dependentes dos processos sensório-motores iniciais relacionados com o desenvolvimento do Esquema Corporal e são pré-requisitos para o desenvolvimento da Imagem Corporal predominantemente cognitiva, pelo que o Conhecimento Corporal pode constituir o elemento de ligação entre os dois. Assim, parece que os aspectos iniciais do desenvolvimento do Auto Conceito não estarão completamente estabelecidos antes de se iniciar o seguinte e esta sequência indica a direcção da sequência de desenvolvimento das sub-componentes, sugerindo ainda que uma dimensão interage com a outra, podendo de facto facilitar o desenvolvimento da outra.

Williams (1983) considerando que a imagem que se tem de si próprio como entidade física inclui a dimensão das características quer da «proporção corporal» quer da "performance", afirma que para considerar o seu corpo e/ou "performance" como «bom», «mau» ou «O.K.», «aceitável» ou «inaceitável», a criança deve comparar-se com outros e/ou algum padrão. É através das distintas experiências sociais que a criança aprende a avaliar se é semelhante ou diferente dos outros e, caso exista diferença, se esta é boa, má ou irrelevante.

Desta forma, a Imagem Corporal inicialmente formada através de processos sensório-motores, define-se e refina-se progressivamente através de processos cognitivos, intelectuais ou de julgamento. Estes processos de julgamento tornam-se parte integrante do próprio Auto Conceito total (Nash, 1970).

4. LINHAS DE INVESTIGAÇÃO DO AUTO CONCEITO/IMAGEM CORPORAL

Para Amann-Gainotti & Antenore (1990) a investigação relativa à imagem corporal e mudanças físicas durante a adolescência tem merecido atenção considerável na última década, centrando-se principalmente em tópicos como os estereótipos de atracção física, a forma como os factores sócio-culturais medeiam as acomodações psicossociais às mudanças morfológicas, as relações entre imagem corporal, auto-percepção e o momento do desenvolvimento físico.

Neste ponto, procedemos à descrição e caracterização das linhas de investigação realizadas sobre Auto Conceito/Imagem Corporal.

Dos diferentes pontos de vista da investigação relativa ao Auto Conceito, neste artigo procurou focalizar-se a análise das seguintes linhas: (1) evolução ontogenética; (2) diferenciação segundo o sexo; (3) relação entre o Auto Conceito/Imagem Corporal e Variáveis do Envolvimento - práticas educativas familiares; estatuto sócio-económico-cultural da família; ordem de nascimento; espaço habitacional; interacção com outros.

4.1. EVOLUÇÃO ONTOGENÉTICA

Segundo Wylie (1979) existe um vasto campo teórico, um tanto difuso, sobre as características do Auto Conceito em função da idade e do nível de desenvolvimento. Até certo ponto estas teorizações referem-se a aspectos particulares do Auto Conceito, que alegadamente seriam característicos de determinados níveis etários. Assim teríamos:

- a teorização sobre as crianças está centrada na emergência do sentido do Eu como individualidade e o desenvolvimento da identidade sexual;
- a teorização sobre os adolescentes centra-se no desenvolvimento do sentimento estável de identidade;
- a teorização sobre a idade adulta dá ênfase ao sentido de autonomia e poder, assim como às mudanças na competência corporal auto percebida;
- a teorização sobre a velhice dedicou particular atenção ao auto conceito dos idosos.

Os autores que apresentam conceptualizações sobre o desenvolvimento do Auto Conceito são unânimes nas considerações que formulam sobre a evolução ontogenética

⁴ Symonds (1951), Rogers (1959) e Jersild (1960), citados por Erhartic (1977).

(Symonds, 1951; Rogers, 1959; Jersild, 1960⁴; Coopersmith, 1967; McCandless & Evans, 1973; Schickedanz, Schickedanz & Forsyth, 1982; Searcy, 1988).

Assim consideram que a criança começa a formar um sentido de si própria quando nasce. Este sentido desenvolve-se e é moldado através da infância, adolescência e idade adulta.

Para Burns (1986: 151) o Auto Conceito é inicialmente a imagem corporal, uma imagem avaliada do auto físico. Considera-se que esta distinção inicial, que a criança realiza, entre o auto e o não auto se baseia no conhecimento das suas próprias sensações tácteis, musculares e cinestésicas de quando toca, morde, lança, cai, tropeça, etc. A forma corporal, a aparência e o tamanho são de vital importância no conhecimento acrescido da evolução do Auto Conceito individual. As sensações corporais e a imagem corporal tornam-se o ângulo do Auto Conceito nos primeiros anos de vida.

Estas experiências iniciais são especialmente importantes porque parece que *«algures antes da segunda infância o indivíduo atinge uma apreciação geral do seu merecimento, o qual permanece relativamente estável e duradouro durante alguns anos»* (Searcy, 1988). Segundo Erhartic (1977) o desenvolvimento do controlo motor, das experiências interpessoais e o início da linguagem afectam directamente o estabelecimento do auto conhecimento da criança.

No entanto, a Auto-Estima vai flutuar com alguns acontecimentos, pelo que a criança terá valores mais elevados nalguns aspectos do que noutros.

A criança está sempre a expressar conceitos do que é e do que gostaria de ser. Assimila o que determinadas pessoas dizem de si e começa a responder a si própria de forma consistente com as atitudes dos outros a seu respeito. O valor que a criança se atribui é reflexo do como pensa que os outros a valorizam.

Ao dominar novas habilidades, começa a determinar as áreas específicas do auto que são valorizadas. A criança delicia-se a aprender novas coisas. Começa a reconhecer que existem algumas áreas em que é excelente e outras em que é deficiente. A sua visão geral sobre si próprio dependerá do valor relativo atribuído a essas áreas no Auto.

A criança define-se por capacidades concretas, realizações e características físicas. Sendo particularmente vulnerável quando ocorrem defeitos neste "exterior social". As auto-imagens geral e específica continuam a desenvolver-se com as descobertas das suas próprias forças e fraquezas de acordo com estes padrões externos.

Com a idade, a criança conseguirá filtrar o que se diz de forma a confirmar a sua Auto-Imagem existente.

Após este período, a atitude da criança para consigo é mais resistente à mudança. No entanto, com a entrada na adolescência, o jovem é capaz de mais pensamento abstracto, que leva à introspecção. Provavelmente estará agora mais preocupado com aspectos internos de si próprio. Em geral, o início da adolescência parece ser o tempo em que a Auto-Estima está no ponto mais baixo ao começar a reconhecer as suas imperfeições.

Os jovens que maturam mais cedo parecem desenvolver atitudes mais favoráveis sobre si próprios do que os que maturam mais tarde. O sentido individual de valor, que começa na adolescência, é geralmente regulado a partir do interior de si mesmo, como tal, é menos vulnerável às opiniões dos outros e começa a confiar mais na sua própria opinião.

⁴ Dusek (1977), citado por Schickedanz, Schickedanz & Forsyth (1982: 506).

Dusek (1977: 329)⁵ afirma que «um auto conceito positivo, reflecte-se na auto-estima, é importante para a perspectiva geral e saúde mental do indivíduo; aqueles que têm uma auto-estima elevada tendem a estar melhor ajustados socialmente do que aqueles que têm uma auto-estima relativamente baixa». Os adolescentes que se consideram capazes e merecedores agem desta forma. Aqueles que possuem uma baixa auto-estima podem comportar-se de forma inaceitável, deste modo baixando ainda mais a sua auto-estima.

Erikson (1963)⁶ afirma que devido ao rápido crescimento físico e maturação genital, os adolescentes estão «principalmente preocupados com a sua aparência aos olhos dos outros quando comparada com o que sentem que são, e com a questão de como estabelecer a ligação dos papéis e destrezas cultivados anteriormente com os protótipos ocupacionais do dia».

Coopersmith (1967)⁷ afirma que o termo «sucesso» pode ter diferentes interpretações para diferentes pessoas, propondo que pode ser definido por quatro tipos de experiências:

1. Poder - a capacidade de influenciar e controlar outros.
2. Importância - a aceitação, atenção e afecto dos outros.
3. Virtude - adesão a padrões éticos e morais.
4. Competência - atingir com êxito feitos solicitados.

Coopersmith argumenta que os adolescentes avaliam a sua auto-avaliação principalmente pela competência e importância. Este autor acredita, no entanto, que um indivíduo pode desenvolver uma auto-estima elevada apenas por conseguir realizar-se numa única área, desde que a considere importante. Assim, um estudante ("high school") que é bom academicamente pode ter um auto conceito positivo mesmo que não seja bem aceite pelos colegas ou que tenha sobre eles pouca influência, enquanto outro estudante que é bem sucedido academicamente mas se preocupa com o ser bem aceite pode desenvolver um auto conceito negativo.

No entanto, para Wylie (1979) a teorização relevante sobre os resultados preditos é escassa, imprecisa e pouco desenvolvida. Daqui resulta que alguns autores supõem que ao aumento de tamanho e de competência na infância corresponderia um aumento da Auto-Estima em função da idade, enquanto outros apresentam várias razões para justificar que em determinadas idades poderia ocorrer uma regressão.

Após esta descrição genérica da evolução ontogenética, analisaremos de seguida a investigação produzida sobre esta temática.

Trowbridge (1972) procurou determinar diferenças existentes no auto conceito de crianças de diferentes estatutos sócio-económicos, as dimensões em que essas diferenças ocorriam e se as diferenças poderiam ser confundidas com variáveis tais como a idade. Com base nos resultados obtidos concluiu que a idade era um factor insignificante, apesar de os scores de auto conceito diminuírem com a idade.

No entanto, segundo Marsh (1989) a maioria dos estudos que observam o efeito da idade sobre o Auto Conceito, apesar de utilizarem instrumentos de avaliação diferentes,

⁵ Erikson (1963), citado por Schickedanz et al. (loc.cit.).

⁷ Coopersmith (1967), citado por Schickedanz et al. (loc.cit.).

verificaram a existência duma progressiva redução do seu nível entre o 2º e o 5º ou 6º anos de escolaridade. Este facto é confirmado pelas investigações de Erhartic (1977), Martinek, Zaichkowsky & Cheffers (1977), Martinek, Cheffers & Zaichkowsky (1978), Marsh, Barnes, Caines & Tidman (1984), Marsh (1985) e Richardson, Pyfer & Sherrill (1990).

No entanto, a evolução do Auto Conceito no princípio e meio da adolescência apresenta resultados mais contraditórios.

Uma parte dos estudos (Long, Ziller & Henderson, 1968; McCarthy & Hoge, 1982; O'Malley & Bachman, 1983; Harter, 1983; Marsh, Parker & Barnes, 1985; Kalliopuska, 1987) assinala a existência dum *início de recuperação dos níveis anteriores do Auto Conceito*, cujo momento de recuperação varia *do 7º ao 10º ano*, conforme os autores.

A outra parte (Dusek & Flaherty, 1981; Savin-Williams & Demo, 1984; Veiga, 1990; Fontaine, 1991) verifica uma *estabilização durante a primeira parte da adolescência ou até mesmo uma redução nítida de certas dimensões a partir dos 15 anos*.

Para além dos estudos centrados no Auto Conceito, procurámos ainda estudos sobre a *evolução ontogenética na precisão da Imagem Corporal*. Dos estudos realizados merecem-nos referência os de Lerner & Schroeder (S.D.)⁸, Gellert, Girgus & Cohen (S.D.)⁹, Staffieri (1967)¹⁰, Dibiasi & Hjelle (1968)¹¹, Clifford (1971)¹², Stiles (1975)¹³ e Folk, Pedersen & Cullari (1993).

Apresentamos no quadro 1 o resumo dos estudos sobre a evolução ontogenética do Auto Conceito / Imagem Corporal.

4.2. DIFERENCIAÇÃO SEGUNDO O SEXO

Gruber (1985) procedeu a uma meta-análise de 27 estudos realizados nas duas décadas anteriores. Da sua análise concluiu não existir consenso sobre diferenças de sexo na melhoria do Auto Conceito.

Com efeito, os resultados de estudos existentes revelam-se contraditórios. Fontaine (1991) indica como razão desta contradição, que os resultados não são inteiramente convergentes quando utilizam instrumentos de avaliação diferentes.

Passemos então em análise distintas opiniões sobre a diferenciação segundo o sexo.

Segundo Gallahue (1989) a maioria da literatura produzida (Felker, 1974; Erhartic, 1977; Martinek & Zaichkowsky, 1977; Piers, 1969) revela *poucas diferenças entre os rapazes e as raparigas* em termos do Auto Conceito. Esta opinião é também defendida por Piers & Harris (1964)¹⁴, Coopersmith (1967)¹⁵, Simon & Bernstein (1971)¹⁶, Trowbridge (1972), Lerner,

⁸ Lerner & Schroeder (S.D.), citados por Williams (1983: 286).

⁹ Gellert, Girgus & Cohen (S.D.), citados por Williams (op.cit.: 287).

¹⁰ Staffieri (1967), citado por Cratty (1986: 68).

¹¹ Dibiasi & Hjelle (1968), citados por Cratty (op.cit.: 69).

¹² Clifford (1971), citado por Williams (op.cit.: 288).

¹³ Stiles (1975), citado por Williams (loc.cit.).

¹⁴ Piers & Harris (1964), citados por Wylie (1979: 264).

¹⁵ Coopersmith (1967), citado por Wylie (op.cit.: 262).

¹⁶ Simon & Bernstein (1971), citados por Wylie (loc.cit.)

AUTOR	População e Amostra	Instrumento Resultados/Conclusões
Auto Conceito		
Long, Ziller & Henderson (1968)	Americana 30 rapazes e 30 raparigas igualmente distribuídos do 6.º ao 12.º grau	<u>Self-Social Symbols Tasks</u> A auto-estima melhora com a idade.
Trowbridge (1972)	Americana 1662 estudantes de estatuto sócio-económico baixo e 2127 estudantes de estatuto sócio-económico médio do 3.º ao 8.º grau	<u>Self-Esteem Inventory (Coopersmith)</u> Os scores de auto conceito diminuem com a idade.
Erhartie (1977)	Americana 125 crianças do 6.º grau	<u>Children's Self-Concept Scale (Piers-Harris)</u> O auto conceito global das crianças cristaliza antes do 6.º grau.
Martinek, Zaichkowsky & Cheffers (1977)	Americana 345 crianças do 1.º ao 5.º grau	<u>Martinek-Zaichkowsky Self-Concept Scale</u> Os scores do auto conceito apresentam decréscimos significativos para os graus 3, 4 e 5.
Martinek, Cheffers & Zaichkowsky (1978)	Americana 344 crianças do 1.º ao 5.º grau	<u>Martinek-Zaichkowsky Self-Concept Scale</u> As crianças do 1.º e 2.º graus melhoram significativamente mais no auto conceito.
Dusek & Flaherty (1981)	Sem referência	<u>Sem referência</u> Uma estabilização durante a primeira parte da adolescência.
McCarthy & Hoge (1982)	Sem referência	<u>Sem referência</u> Um aumento regular a partir do 7.º ano.
Harter (1983)	Americana Sem referência	<u>Perceived Competence Scale for Children</u> Existe um aumento do auto conceito a partir da pré-adolescência.
O'Malley & Bachman (1983)	Sem referência	<u>Sem referência</u> Um aumento regular a partir do 7.º ano.
Marsh, Barnes, Cairns & Tidman (1984)	Australiana 658 alunos do 2.º ao 5.º ano de escolaridade	<u>Self Description Questionnaire I</u> Existe um efeito linear da idade sobre todas as dimensões do auto conceito, com a excepção da dimensão associada às relações com os pais, que não se modifica com a idade, e da associada à relação com os pares, cuja redução se manifesta unicamente até ao 4.º de escolaridade.
Savin-Williams & Demo (1984)	Sem referência	<u>Sem referência</u> Uma estabilização durante a primeira parte da adolescência.
Marsh (1985)	Australiana 2562 alunos do 3.º ao 6.º ano de escolaridade	<u>Self Description Questionnaire I</u> Existe um efeito linear da idade sobre todas as dimensões do auto conceito, com um declínio linear do conceito associado às relações com os pais.
Marsh, Parker & Barnes (1985)	Australiana Sem referência	<u>Self Description Questionnaire I</u> Uma recuperação a partir do 9.º ano.
Kalliopuska (1987)	Finlandesa 1381 jogadores de basebol Finlandeses, com idades entre os 8 e os 16 anos	<u>Canadian Self-esteem Inventory</u> A auto-estima aumenta significativamente ($F_{8,1385} = 13.3$) com a idade.
Richardson, Pyfer & Sherrill (1990)	Costa-riquenha 411 rapazes e 386 raparigas do 1.º ao 6.º grau	<u>Martinek-Zaichkowsky Self-Concept Scale</u> As crianças do 1.º grau apresentam um auto conceito significativamente mais elevado do que as crianças dos outros graus, mas os scores não diminuem regularmente do 2.º para o 6.º grau.
Veiga (1990)	Portuguesa 423 rapazes e 492 raparigas, entre o 7.º e o 9.º ano de escolaridade, de Lisboa e de Viseu	<u>Children's Self-Concept Scale (Piers-Harris)</u> Uma redução nítida de certas dimensões do auto conceito a partir dos 15 anos.

AUTOR	População e Amostra	Instrumento Resultados/Conclusões
Auto Conceito		
Fontaine (1991)	Portuguesa 567 alunos do 5.º, 7.º e 9.º ano de escolaridade de ambos os sexos	<i>Self Description Questionnaire 1</i> A diferenciação progressiva das várias dimensões do auto conceito com a idade até ao 9.º ano.
Precisão da Imagem Corporal		
Lerner & Schroeder (S.D.)	Sem referência Crianças do Infância	<u>Três silhuetas de formas físicas</u> As crianças não são muito precisas na percepção da sua própria forma física, ou seja, não apresentam uma imagem corporal muito precisa ou bem desenvolvida.
Gellert, Girus & Cohen (S.D.)	Sem referência Crianças e jovens dos 5 aos 13 anos	<u>Fotografias actuais das crianças</u> 1) As crianças e jovens dos 5 aos 13 anos tendem a melhorar gradualmente a precisão da percepção das características físicas dos seus corpos. 2) Quando se utilizam para a identificação das características corporais apenas a forma e a proporção, a precisão da criança e do jovem é função da idade.
Staffieri (1967)	Sem referência 90 rapazes dos 6 aos 10 anos	<u>Silhuetas de formas físicas</u> 1) Uma evolução gradual do 6.º para o 10.º ano na preferência pelo físico mesomorfo como figura ideal, começando esta preferência a ser mais notória pelos 7 a 8 anos. 2) Pelos 8 a 9 anos as percepções das crianças sobre as suas formas corporais tendem a ser mais precisas com a sua configuração actual.
Dibiase & Hjellev (1968)	Sem referência	<u>Sem referência</u> As crianças aos 8 anos não só começam a atribuir atributos sociais favoráveis ou desfavoráveis a determinados tipos físicos, mas também começam a evidenciar alguns sinais de atraso social se acreditam que a sua forma corporal não é a de um "agradável" mesomorfo.
Clifford (1971)	Sem referência Rapazes e raparigas adolescentes	<u>Uma escala de "satisfação corporal"</u> <u>Uma escala de "auto-satisfação"</u> Não existem diferenças etárias, quer para a satisfação corporal quer para a auto-satisfação.
Stiles (1975)	Americana Crianças dos 6 aos 10 anos	<u>Imagens de crianças</u> As crianças de todas as idades realizam avaliações igualmente precisas sobre as dimensões da estatura e da largura de ombros dos seus corpos. No entanto, as avaliações sobre a largura de ombros apresentam erros maiores do que as da sua estatura.
Folk, Pedersen & Cullari (1993)	Americana 18 raparigas e 29 rapazes do 3.º grau (8-10 anos) e 29 raparigas e 14 rapazes do 6.º grau (11-13 anos)	<u>Body Image Satisfaction Questionnaire (modificado)</u> <u>Children's Self-Concept Scale (Piers-Harris)</u> Existe uma diminuição da satisfação corporal do 3.º para o 6.º grau, com: 1) Os rapazes do 3.º grau a apresentarem scores médios significativamente mais elevados na satisfação corporal total ($p < .05$), satisfação com o rosto ($p < .01$), corpo ($p < .01$), cintura ($p < .05$) e "Aparência e Atributos Físicos" ($p < .05$). 2) As raparigas do 3.º grau a apresentarem scores significativamente mais elevados na satisfação com o rosto ($p < .05$), peito/peitos ($p < .05$) e ancas ($p < .05$).

Quadro 1 - Resumo dos estudos referenciados sobre a evolução ontogenética do Auto Conceito/ Imagem Corporal.

Karabenick & Stuart (1973), Reschley & Mittman (1973), Healey & De Blassie (1974), Hulbary (1975), Simon & Simon (1975)¹⁷, Vance & Richmond (1975)¹⁸, Bruya (1977)¹⁹, Erhartic (1977), Martinek et al. (1977), Smith (1982), Ezeilo (1983), Kalliopuska (1987) e Mwamwenda (1991).

No entanto, segundo outros autores existem *diferenças entre os sexos*, manifestando-se opiniões distintas.

Uma parte dos estudos assinala a existência duma diferença *favorável aos rapazes*. Deste grupo merecem saliência Schneider (1977)²⁰, Smith (1978)²¹, Omizo, Hammett, Loffredo & Michael (1981)²², Song & Hattie (1984)²³ e Searcy (1988).

A outra parte verifica uma diferença *favorável às raparigas*. Estão neste grupo Martinek (1978), Schempp, Cheffers & Zaichowsky (1983) e Richardson et al. (1990).

Para Fontaine (1991) as diferenças aparecem essencialmente quando se consideram dimensões específicas do Auto Conceito. Opinião confirmada pelas investigações de Long et al. (1968), Berscheid, Walster & Bohmstedt (1973), Mahoney & Finch (1976), Harter (1982, 1983), Marsh, Parker & Smith (1983), Franzoi & Shields (1984), Marsh et al. (1984), Wendel & Lester (1988), Adame, Johnson & Cole (1989), Veiga (1990), Fontaine (1991) e Folk et al. (1993).

Apresentamos no quadro 2 o resumo dos estudos sobre a diferenciação entre sexos do Auto Conceito/Imagem Corporal.

4.3. RELAÇÃO ENTRE O AUTO CONCEITO/IMAGEM CORPORAL E VARIÁVEIS DO ENVOLVIMENTO

Segundo Wylie (1979: 331) uma revisão aos escritos psicológicos, sociais e educacionais indica que uma grande diversidade de variáveis familiares são supostamente relevantes para o Auto Conceito infantil. Entre as mais referenciadas, surgem: (a) variáveis parentais, tais como as características e valores dos pais, a supervisão das práticas infantis e o estatuto profissional da mãe; (b) a dimensão da família; (c) a ordem de nascimento da criança.

Malina (1980) refere como variáveis influentes no desenvolvimento e na performance motora: (a) a família; (b) os irmãos; (c) a ordem de nascimento; (d) os grupos de pares espontâneos e institucionalizados; (e) o grupo étnico; (f) o estatuto sócio-económico; (g) as práticas educativas.

Para Schickedanz et al. (1982) o auto conceito dos adolescentes é determinado por factores sociais, cognitivos e biológicos. A resposta dos adolescentes à questão «*Quem sou eu?*» é influenciada por muitos factores: a forma e a imagem corporal, os encontros sociais com os pares e os adultos, sucessos e falhanços e a forma como os adolescentes pensam e sentem estas circunstâncias.

¹⁷ Simon & Simon (1975), citados por Wylie (loc.cit.)

¹⁸ Vance & Richmond (1975), citados por Wylie (op.cit.: 265).

¹⁹ Bruya (1977), citado por Gruber (1985).

²⁰ Schneider (1977), citado por Gruber (op.cit.).

²¹ Smith (1978), citado por Mwamwenda (1991: 191-192).

²² Omizo et al. (1981), citados por Mwamwenda (op.cit.: 191).

²³ Song & Hattie (1984), citados por Mwamwenda (loc.cit.).

AUTOR	População e Amostra	Instrumento Resultados / Conclusões
Não existem diferenças		
Piers & Harris (1964)	Sem referência 56 raparigas e 63 rapazes do 3.º grau, 56 raparigas e 71 rapazes do 6.º grau e 53 raparigas e 64 rapazes do 10.º grau	<u>Children's Self-Concept Scale</u> Não existem diferenças consistentes entre os sexos.
Coopersmith (1967)	Sem referência 43 raparigas e 44 rapazes	<u>Self-Esteem Inventory (Coopersmith)</u> Não existem diferenças significativas entre os scores de ambos os sexos.
Simon & Bemstein (1971)	Sem referência 61 rapazes e 68 raparigas do 5.º e 6.º grau	<u>Self-Esteem Inventory (Coopersmith)</u> Não existem diferenças significativas entre os scores médios de ambos os sexos.
Trowbridge (1972)	Americana 1662 estudantes de estatuto sócio-económico baixo e 2127 estudantes de estatuto sócio-económico médio do 3.º ao 8.º grau	<u>Self-Esteem Inventory (Coopersmith)</u> Não existem diferenças entre os sexos.
Lerner, Karabenick & Stuart (1973)	Sem referência	<u>Body Cathexis Scale</u> Não existem diferenças significativas da comparação entre a correlação BCS média e auto conceito com a correlação "cathexis ponderada" média e auto conceito, quer para o sexo masculino quer para o feminino.
Reschley & Mitman (1973)	Sem referência 90 alunos do 7.º grau	<u>Self-Esteem Inventory (Coopersmith)</u> Não existem diferenças significativas entre os sexos.
Henley & De Blassie (1974)	Americana 314 raparigas e 293 rapazes do 9.º grau	<u>Tennessee Self-Concept Scale</u> Não existem diferenças significativas entre os sexos.
Hulbary (1975)	Sem referência Adolescentes com idades entre os 14 e os 19 anos	<u>Self-Esteem Scale (Rosenberg)</u> A influência do sexo é estatisticamente insignificante.
Simon & Simon (1975)	Sem referência 42 raparigas e 45 rapazes do 5.º grau	<u>Self-Esteem Inventory (Coopersmith)</u> Não existem diferenças significativas entre os scores médios de ambos os sexos.
Vance & Richmond (1975)	Americana 240 crianças com idades entre os 8 e os 12 anos	<u>Children's Self-Concept Scale (Piers-Harris)</u> Não existem diferenças significativas entre os scores médios dos rapazes e das raparigas.
Bruya (1977)	Americana Alunos do 4.º grau	<u>Children's Self-Concept Scale (Piers-Harris)</u> Não existem diferenças entre sexos.
Erhartie (1977)	Americana 125 crianças do 6.º grau	<u>Children's Self-Concept Scale (Piers-Harris)</u> Os rapazes e as raparigas apresentam um auto conceito global similar.
Martinek, Zaichkowsky & Cheffers (1977)	Americana 345 crianças do 1.º ao 5.º grau	<u>Martinek-Zaichkowsky Self-Concept Scale</u> Não existem diferenças significativas entre os rapazes e as raparigas.
Smith (1982)	Americana Crianças do 3.º grau	<u>Martinek-Zaichkowsky Self-Concept Scale</u> Não existem diferenças significativas entre os sexos.
Ezeilo (1983)	Nigeriana 226 estudantes do ensino secundário e superior	<u>Sem referência</u> Não existem diferenças entre sexos.
Kalliopuska (1987)	Finlandesa 1381 jogadores de Basebol Finlandês, com idades entre os 8 e os 16 anos	<u>Canadian Self-Esteem Inventory</u> Não existem diferenças entre os sexos.
Mwamwenda (1991)	Sul-africana 59 raparigas e 38 rapazes	<u>Canadian Self-Esteem Inventory</u> Não existem diferenças significativas entre os scores das raparigas e dos rapazes.
Diferença favorável aos rapazes		
Schneider (1977)	Americana Sem referência	<u>Sem referência</u> Existem melhorias significativas favorecendo os rapazes do 7.º grau.

AUTOR	População e Amostra	Instrumento Resultados / Conclusões
Diferença favorável aos rapazes		
Smith (1978)	Australiana Sem referência	<u>Sem referência</u> Os rapazes apresentam auto conceitos mais positivos do que as raparigas.
Omizo, Hammett, Loffredo & Michael (1981)	Mexicano-Americana 168 rapazes e 128 raparigas	<u>Sem referência</u> Os rapazes apresentam auto conceitos mais elevados do que as raparigas.
Song & Hattie (1984)	Coreana 537 rapazes e 611 raparigas	<u>Sem referência</u> Os rapazes apresentam auto conceitos mais elevados do que as raparigas.
Searcy (1988)	Sem referência	<u>Sem referência</u> Na adolescência as raparigas apresentam valores ligeiramente mais baixos.
Diferença favorável às raparigas		
Martinek (1978)	Americana 99 crianças do 3.º e 4.º grau	<u>Martinek-Zaichkowsky Self-Concept Scale</u> As raparigas têm conceitos mais positivos sobre os seus corpos do que os rapazes.
Schempp, Cheffers & Zaichkowsky (1983)	Americana 208 crianças do 1.º ao 5.º grau	<u>Martinek-Zaichkowsky Self-Concept Scale</u> Existe um domínio feminino.
Richardson, Pyfer & Sherrill (1990)	Costa-riquenha 411 rapazes e 386 raparigas do 1.º ao 6.º grau	<u>Martinek-Zaichkowsky Self-Concept Scale</u> As raparigas apresentam auto conceitos significativamente mais elevados do que os rapazes.
Diferenças em dimensões específicas do Auto Conceito		
Long, Ziller & Henderson	Americana 30 rapazes e 30 raparigas igualmente distribuídos do 6.º ao 12.º grau	<u>Self-Social Symbols Tasks</u> Existem diferenças entre os sexos nas percepções diferenciais das relações eu-outros durante a adolescência, nos seguintes aspectos: (a) a maior estabilidade e a inclusão das relações dos rapazes com outros; (b) o retraimento dos outros nas raparigas na pré-adolescência e o seu retorno subsequente.
Berscheid, Walster & Bohmstedt (1973)	Sem referência 2000 inquiridos de leitores da <i>Psychology Today</i>	<u>Escala de satisfação</u> A face marca a diferença na auto-estima entre os sexos.
Mahoney & Finch (1976)	Americana 129 raparigas e 98 rapazes universitários finalistas de Sociologia	<u>Body Cathexis Scale</u> Diferentes aspectos corporais explicam a variância da auto-estima para o sexo masculino e feminino: 1) A proporção máxima de variância que os aspectos faciais podem atingir, dado o mesmo conjunto de aspectos corporais, é de .013 para o sexo masculino e 0 para o feminino. 2) Dos 23 aspectos corporais considerados para o sexo masculino apenas 6 explicam a variância, dos quais o que atinge um valor mais elevado é a "voz", seguido de "peito" e "aspecto facial". 3) Dos 21 aspectos corporais considerados para o sexo feminino apenas 7 permanenciam, dos quais o que atinge um valor mais elevado é o "aspecto geral", seguido de "voz", "barriga das pernas", "altura" e "ancas". 4) Os aspectos corporais femininos geralmente pensados como importantes para a auto-imagem não o são para a auto-estima (e.g., "peito", "cintura", "peso"). Ainda que as raparigas possam estar insatisfeitas com estes aspectos corporais, ao ponto de desejarem ser diferentes nessas dimensões, o grau de satisfação parece irrelevante para a auto-estima. Isto também é o caso para os rapazes, com a ausência da "altura" e "peso".
Harter (1982)	Americana Crianças do 6.º grau	<u>Perceived Competence Scale for Children</u> Os rapazes têm um conceito de competência e aparência física superior às raparigas.

AUTOR	População e Amostra	Instrumento Resultados / Conclusões
Harter (1983)	Americana Sem referência	<u>Perceived Competence Scale for Children</u> Os rapazes têm um conceito de competência e aparência física superior às raparigas.
Marsh, Parker & Smith (1983)	Australiana Sem referência	<u>Self Description Questionnaire I</u> Os rapazes têm um conceito de competência e aparência física superior às raparigas.
Franzoi & Shields (1984)	Sem referência 331 rapazes e 633 raparigas universitários	<u>Body Cathexis Scale (modificada)</u> A estima corporal é um constructo multidimensional que difere entre os sexos: 1) As dimensões da estima corporal dos rapazes têm três componentes - "Atração Física", "Força Corporal Superior" e "Condição Física". 2) As dimensões da estima corporal das raparigas têm três componentes - "Atração Sexual", "Relativas ao Peso" e "Condição Física". No entanto, os três aspectos da estima corporal masculina estão mais altamente correlacionados do que os da feminina, o que indica um grau mais elevado de diferenciação da estima corporal para as raparigas do que para os rapazes.
Marsh, Barnes, Cairns & Tidman (1984)	Australiana 658 alunos do 2.º ao 5.º ano de escolaridade	<u>Self Description Questionnaire I</u> Os rapazes têm um conceito de competência e aparência física superior às raparigas.
Wendel & Lester (1988)	Americana 32 rapazes e 27 raparigas universitários, com idades entre os 17 e os 23 anos	<u>Body Cathexis Scale</u> As associações da auto-estima com a BCS são diferentes para os rapazes e raparigas e só se observam para um número limitado de factores identificados pela escala. Assim: 1) Os scores da auto-estima das raparigas estão correlacionados com factores cujos pesos são elevados - "cintura" (.78), "peso" (.77) e "ancas" (.75) (coeficiente de correlação de Pearson $r=.35$, $p=.04$). Ao controlar a idade, a auto-estima também está correlacionada com um factor cujo peso é elevado - "distribuição de pêlos" (correlação parcial $r=.41$, $p=.02$). 2) Os scores da auto-estima dos rapazes estão correlacionados com factores cujos pesos são elevados - "voz" (.78), resistência à doença (.63) e "perfil" (.62) (coeficiente de correlação de Pearson $r=.32$, $p=.04$).
Adame, Johnson & Cole (1989)	Americana Caloiros universitários, sendo 123 do sexo masculino e 120 do sexo feminino	<u>Body Self-relations Questionnaire</u> As mulheres são significativamente mais positivas sobre a sua aparência física do que os homens.
Veiga (1990)	Portuguesa 423 rapazes e 492 raparigas, entre o 7.º e o 9.º ano de escolaridade, de Lisboa e de Viseu	<u>Children's Self-Concept Scale (Piers-Harris)</u> Inferioridade do auto conceito das raparigas nas dimensões de "estatuto intelectual e escolar" e de "confiança na capacidade própria".
Fontaine (1991)	Portuguesa 567 alunos do 5.º, 7.º e 9.º ano de escolaridade de ambos os sexos	<u>Self Description Questionnaire I</u> Os rapazes apresentam conceitos de competência social em relação aos pares e de aparência física superiores e um conceito de competência escolar inferior ao das raparigas.
Folk, Pedersen & Cullari (1993)	Americana 18 raparigas e 29 rapazes do 3.º grau e 29 raparigas e 14 rapazes do 6.º grau	<u>Body Image Satisfaction Questionnaire (modificado)</u> <u>Children's Self-Concept Scale (Piers-Harris)</u> Existem diferenças entre os sexos. Assim: 1) Os rapazes do 3.º grau estão significativamente mais satisfeitos com as suas mãos ($p<.01$) e altura ($p<.02$) do que as raparigas. 2) Os rapazes do 6.º grau estão significativamente mais satisfeitos com os seus braços ($p<.05$) e pernas ($p<.05$) do que as raparigas.

Quadro 2 - Resumo dos estudos referenciados sobre a diferenciação entre sexos do Auto Conceito/Imagem Corporal.

Analisaremos em seguida a relação entre Auto Conceito e distintas variáveis do envolvimento, ou bioculturais na aceção de Malina (1987), de que salientamos: as práticas educativas, o estatuto sócio-económico-cultural, a ordem de nascimento, o espaço habitacional, a interacção com outros e a actividade física.

4.3.1. RELAÇÃO ENTRE AUTO CONCEITO/IMAGEM CORPORAL E AS PRÁTICAS EDUCATIVAS FAMILIARES

McPherson, McKay & Guppy (1977), com base nos resultados de vários estudos (Rosenberg, 1965; Coopersmith, 1967; Bachman, 1970; Gecas, Thomas & Weigert, 1970; Sears, 1970; Gecas, 1971) indicam que uma criança que recebe apoio e louvor dos seus pais é mais provável que desenvolva percepções favoráveis sobre si própria, do que uma criança que não recebe atenção.

Relativamente à transmissão de valores parentais, analisados pela influência dos interesses desportivos dos pais e interesses desportivos das crianças e jovens, podemos referenciar os estudos de Felker (1968), Felker & Kay (1971) e Kay, Felker & Varoz (1972).

Apresentamos no quadro 3 o resumo dos estudos sobre a relação entre Auto Conceito/ Imagem Corporal e as práticas educativas familiares.

AUTOR	População e Amostra	Instrumento Resultados / Conclusões
Felker (1968)	Americana 72 rapazes do 6.º grau e 48 do 9.º grau	<u>Auto classificação de 39 adjetivos (Staffieri)</u> Existem diferenças no grupo do 6.º grau associadas com a percepção do interesse do pai pelo desporto, que não se verificam no grupo do 9.º grau. O que sugere que estas relações entre as variáveis mudam no nível escolar secundário.
Felker & Kay (1971)	Americana 77 rapazes do 7.º grau e 76 do 8.º grau	<u>Auto classificação de 39 adjetivos (Staffieri)</u> 1) A percepção do interesse do pai pelo desporto apresenta efeitos significativos nos scores do auto conceito dos rapazes do 8.º grau. 2) Os diferentes efeitos de variáveis seleccionadas nos scores de auto conceito para os rapazes do 7.º e 8.º graus sugerem a existência duma variável fisiológica, a maturação.
Kay, Felker & Varoz (1972)	Americana 406 rapazes do 7.º ao 9.º graus	<u>Children's Self-Concept Scale (Piers-Harris)</u> 1) As capacidades e os interesses desportivos estão positivamente relacionados com o auto conceito em todos os graus. 2) Existe uma relação significativa entre o score de auto conceito e duas medidas do interesse parental (pai e mãe) pelo desporto apenas nos indivíduos do 7.º e 9.º graus. 3) A similaridade nos interesses desportivos entre pais e criança também parecem relacionados com o auto conceito.

Quadro 3 - Resumo dos estudos referenciados sobre a relação entre Auto Conceito/ Imagem Corporal e as práticas educativas familiares.

4.3.2. RELAÇÃO ENTRE AUTO CONCEITO/IMAGEM CORPORAL E O ESTATUTO SÓCIO-ECONÓMICO-CULTURAL DA FAMÍLIA

Segundo Wylie (1979) tem sido formulada a hipótese de que os pais de diferentes classes sócio-económicas possuem diferentes valores para si próprios e para os seus filhos. Da mesma forma, supõe-se que os pais de diferentes classes sócio-económicas utilizam diferentes técnicas de supervisão infantil, o que poderá resultar em diferentes características da personalidade em função da classe sócio-económica dos pais.

Numa conceptualização que não estuda directamente o Auto Conceito, encontramos Malina (1987). Para este autor os estudos, com crianças em idade escolar, que controlam quer a raça/etnicidade quer o estatuto sócio-económico são reduzidos, no entanto, as evidências existentes indicam que o estatuto sócio-económico *per si* não influencia de forma consistente a performance motora. Provavelmente existirão aspectos específicos do envolvimento sócio-económico que afectam o desenvolvimento e a performance motora, os quais não são detectados pelos índices de estatuto sócio-económico comumente utilizados.

Relativamente à relação entre o Auto Conceito e o estatuto sócio-económico-cultural Housley, Martin, McCoy, Greenhouse, Stigger & Chopin (1987) afirmam que alguns estudos indicam a classe social como um indicador preciso na predição da Auto-Estima.

Segundo Trowbridge (1972), Housley et al. (1987) e Fontaine (1991) os resultados de estudos comparando o Auto Conceito de indivíduos oriundos de níveis sócio-económicos diferentes são relativamente contraditórios. Assim, enquanto alguns estudos assinalam a presença de diferenças significativas nalgumas dimensões do Auto Conceito em favor dos indivíduos de níveis sócio-económicos mais elevados, outros afirmam que não existem diferenças, outros ainda, que as diferenças se manifestam em favor dos sujeitos de níveis sócio-económicos mais baixos.

Como representantes do grupo que indica *diferenças favoráveis aos níveis sócio-económicos mais elevados* encontramos Housley et al. (1987) e Fontaine (1991).

Como representante do grupo que indica *diferenças favoráveis aos níveis sócio-económicos mais baixos* encontramos Trowbridge (1972).

Para Malina (1987) o produto duma performance pode ser influenciado por considerações sócio-económicas. Como tal considera que a variação sócio-económica na educação e supervisão parental é considerada como subjacente às superiores performances das crianças e jovens negros. Nesta perspectiva, entende que uma atmosfera educativa permissiva caracteriza as classes sócio-económicas mais baixas, o que permite maior liberdade para a actividade física e como tal acentua o desenvolvimento motor durante a infância. Ao longo das idades escolares, as crianças com estatuto sócio-económico mais baixo são frequentemente descritas como possuindo maior liberdade para se deslocarem pela vizinhança do que as de estatuto mais elevado. Presume-se que esta atmosfera conduziria a uma maior liberdade na actividade física e nas oportunidades para a prática de habilidades motoras e daí a maior proficiência.

Fontaine (1991) com base nos resultados obtidos defende uma posição que designaríamos de «cruzada», pois encontrou um nível que permite estabelecer a charneira entre os distintos níveis sócio-económicos.

Apresentamos no quadro 4 o resumo dos estudos sobre a relação entre Auto Conceito/ Imagem Corporal e o estatuto sócio-económico-cultural.

AUTOR	População e Amostra	Instrumento Resultados / Conclusões
Diferenças favoráveis aos níveis mais elevados		
Housley, Martin, McCoy; Greenhouse, Stigger & Chopin (1987)	Americana 90 raparigas	<u>Self-Esteem Scale (Rosenberg)</u> 1) A auto-estima das raparigas urbanas de estatuto económico elevado é significativamente maior do que as de estatuto económico baixo. 2) A auto-estima das raparigas rurais de estatuto económico baixo é maior do que as de estatuto económico elevado. 3) A auto-estima das raparigas urbanas de estatuto económico elevado é significativamente maior do que a das suas pares rurais.
Fontaine (1991)	Portuguesa 567 alunos do 5.º, 7.º e 9.º ano de escolaridade de ambos os sexos e pertencendo às várias classes sociais	<u>Self Description Questionnaire I</u> Os indivíduos dos níveis sócio-económicos mais altos apresentam resultados mais elevados.
Diferença favorável aos níveis mais baixos		
Trowbridge (1972)	Americana 1662 estudantes de estatuto sócio-económico baixo e 2127 estudantes de estatuto sócio-económico médio do 3.º ao 8.º grau	<u>Self-Esteem Inventory (Coopersmith)</u> 1) As crianças de estatuto sócio-económico mais baixo apresentam scores mais elevados do que as de estatuto sócio-económico médio. 2) As crianças de estatuto sócio económico médio apenas obtinham scores mais elevados na sub-escala "pais". 3) As crianças do meio rural apresentam scores mais elevados do que as de meio urbano-suburbano, tal como as crianças negras apresentam valores mais elevados do que as crianças brancas. No entanto, as diferenças significativas resultam do estatuto sócio-económico.
Charneira entre os distintos níveis		
Fontaine (1991)	Portuguesa 567 alunos do 5.º, 7.º e 9.º ano de escolaridade de ambos os sexos e pertencendo às várias classes sociais	<u>Self Description Questionnaire I</u> O auto conceito académico dos indivíduos de nível sócio-económico médio é sistematicamente inferior ao dos indivíduos oriundos de outros grupos sociais.

Quadro 4 - Resumo dos estudos referenciados sobre a relação entre Auto Conceito/Imagem Corporal e o estatuto sócio-económico-cultural da família.

4.3.3. RELAÇÃO ENTRE AUTO CONCEITO/IMAGEM CORPORAL E A ORDEM DE NASCIMENTO

Relativamente aos efeitos da ordem de nascimento no Auto Conceito/Imagem Corporal, ainda que existindo algumas referências, os dados são escassos. Procurando colmatar esta dificuldade recorremos inicialmente a indicações do desenvolvimento motor.

Bradley (1968)²⁴ afirma que os irmãos numa família podem ser tratados diferentemente em função da ordem de nascimento na família.

Alberts & Landers (1977) analisaram os efeitos da ordem de nascimento no rendimento motor de crianças de 6 e 7 anos e as expectativas de rendimento das mães acerca dos seus filhos em duas tarefas com diferentes níveis de ansiedade associada (alta e baixa). Verificaram que os primeiros filhos obtinham melhores resultados do que os segundos na tarefa de baixa ansiedade (rolar uma bola com precisão), sendo a expectativa da mãe para o rendimento do seu primeiro

²⁴ Bradley (1968), citado por Ebihara, Ikeda & Myiashita (1983: 70).

filho e deste sobre si próprio significativamente mais elevada do que para os segundos filhos nesta tarefa. Pelo contrário, na tarefa de alta ansiedade (salto em profundidade) os segundos filhos mostravam ser mais corajosos e as suas mães e eles próprios expressavam uma expectativa significativamente mais elevada do que os primeiros filhos. Tal facto, seria consequência de diferentes padrões de interacção mãe-filho de acordo com a ordem de nascimento.

Yiannakis (1976)²⁵ analisando as relações entre a ordem de nascimento e o grau de preferência desportiva em jovens universitários, verificou que os primeiros filhos evitavam mais os desportos considerados perigosos do que os segundos filhos, encontrando a maior discriminação naqueles desportos em que o grau das lesões físicas graves é tido como elevado e a oportunidade para se ser admitido, sob tensão, é baixa ou inexistente.

Ebihara et al. (1983) analisaram a ordem de nascimento como factor de socialização na participação em actividades desportivas em 623 rapazes e 559 raparigas. Verificaram que os primeiros filhos e os filhos únicos apresentavam maior dependência dos pais do que os nascidos mais tarde. O pai era o primeiro agente de socialização, sendo depois substituído pelo filho mais velho do mesmo sexo da criança em causa. Esta tendência foi demonstrada pela existência de mais ligações entre irmãos do mesmo sexo do que entre irmãos do sexo oposto. Relativamente ao padrão de interacção na fratria, os filhos mais novos recebiam reforços positivos dos irmãos mais velhos tendo em vista o seu envolvimento no desporto, servindo aqueles como modelos para os mais novos. Como um dos preditores importantes do envolvimento no desporto (também foram analisadas as influências do pai, da mãe, dos amigos do mesmo e do sexo oposto, dos professores e dos vizinhos), a fratria operava como função facilitadora da participação da criança nos grupos de amigos. Quanto mais a criança era estimulada pela interacção com a fratria mais intensamente se envolvia nas actividades com grupos de amigos.

Malina (1987) afirma que o produto duma performance pode ser influenciado pelas interacções entre irmãos. A influência do estatuto sócio-económico e da educação no desenvolvimento motor poderiam ser mediados em parte pela presença de irmãos no lar. Deste modo, a posição da criança na família e o estatuto sexual dos irmãos poderiam ser factores influentes no desenvolvimento motor.

Segundo Erbaugh & Clifton (1984) existem evidências que indicam uma variação associada com a idade e talvez com o sexo nos movimentos e comportamentos observacionais dos irmãos 3 a 5 anos mais velhos durante a participação em actividades motoras grosseiras. Sob condições experimentais, envolvendo actividades motoras orientadas para o corpo e orientadas para o objecto, os irmãos mais velhos iniciavam a performance de actividades orientadas para o corpo e repetiam e praticavam tarefas orientadas para o objecto mais vezes do que os irmãos mais novos. Por outro lado, os irmãos mais novos imitavam os movimentos dos irmãos mais velhos em ambas as condições lúdicas (orientadas para o corpo e para o objecto) mais vezes do que os irmãos mais velhos imitavam aqueles. Estas observações sugerem um papel importante das interacções de modelação entre irmãos, ou seja, frequentemente o irmão mais velho serve de modelo para o mais novo. Além disso, os irmãos mais novos geralmente imitavam mais vezes os irmãos mais velhos do que as irmãs mais novas e os irmãos mais novos de irmãs imitam-nas mais vezes do que os rapazes com os respectivos pares de irmãos. Possivelmente os irmãos mais novos imitam mais do que as raparigas as actividades motoras grosseiras, e/ou as irmãs mais velhas acarinhavam mais os irmãos mais novos do que os irmãos mais velhos em relação às irmãs mais novas.

As interacções entre irmãos de sexos diferentes têm um interesse particular para o desenvolvimento motor. Com efeito, segundo Sutton-Smith & Rosenberg (1970)²⁶ as raparigas

²⁵ Yiannakis (1976), citado por Ebihara et al. (loc.cit.).

²⁶ Sutton-Smith & Rosenberg (1970), citados por Malina (1987: 17).

com irmãos mais velhos têm mais interesse por actividades atléticas do que as raparigas com irmãs mais velhas, enquanto estas últimas são mais femininas e menos competitivas.

Esta tendência foi analisada por Malina (Não publicado)²⁷, num estudo com 229 crianças e jovens com idades compreendidas entre os 6 e os 12 anos em que avaliou dimensões corporais, performance motora, dimensão da família e ordem de nascimento. Os resultados obtidos permitiram concluir que a altura, peso, força estática e performance motora não variavam consistentemente com a dimensão da família ou ordem de nascimento. No entanto, as raparigas com um irmão mais velho são ligeira mas consistentemente mais fortes do que as raparigas com uma irmã mais velha. Por outro lado, o sexo do irmão mais velho não influencia consistentemente a performance motora das raparigas. As raparigas com uma irmã mais velha correm ligeiramente mais rápido, as que têm um irmão mais velho lançam a bola ligeiramente mais longe, enquanto os dois grupos não diferem no saltar. Entre os rapazes, os que têm uma irmã mais velha são ligeira mas consistentemente mais fortes do que os que têm um irmão mais velho, enquanto os rapazes com um irmão mais velho são melhores do que os que têm uma irmã mais velha na corrida, salto e lançamento.

Analisemos então os estudos existentes sobre a influência da ordem de nascimento no Auto Conceito/Imagem Corporal, realizados por Kohn & Schooler (1969)²⁸, Bachman (1970)²⁹ e Erhartic (1977).

Apresentamos no quadro 5 o resumo dos estudos sobre a relação entre Auto Conceito/Imagem Corporal e a ordem de nascimento.

AUTOR	População e Amostra	Instrumento Resultados / Conclusões
Não existem diferenças		
Kohn & Schooler (1969)	Americana 3101 indivíduos	<u>Sem referência</u> Não se verificam efeitos significativos da ordem de nascimento no auto conceito.
Erhartic (1977)	Americana 125 crianças do 6.º grau	<u>Children's Self-Concept Scale (Piers-Harris)</u> A ordem de nascimento tem um papel insignificante na estabilidade do auto conceito.
Existem diferenças		
Bachman (1970)	Americana 2213 rapazes do 10.º grau	<u>Sem referência</u> Os filhos únicos apresentam uma auto-estima ligeiramente mais elevada do que os outros filhos.

Quadro 5 - Resumo dos estudos referenciados sobre a relação entre Auto Conceito/Imagem Corporal e a ordem de nascimento.

4.3.4. RELAÇÃO ENTRE AUTO CONCEITO E O ESPAÇO HABITACIONAL

As variáveis caracterizadoras do espaço habitacional foram abordadas por Feio (1985) e são descritas como variáveis de grande importância para o desenvolvimento humano.

Segundo Merleau-Ponty (1972) não há espaço se não houver corpo, este representa a totalidade duma presença no mundo, sendo o espaço do corpo a fronteira entre esse corpo e o mundo exterior.

²⁷ Malina (não publicado), citado por Malina (op.cit.: 18).

²⁸ Kohn & Schooler (1969), citados por Wylie (1979: 344).

²⁹ Bachman (1970), citado por Wylie (op.cit.: 345).

Moles & Rohmer (1972) dão o seu contributo ao estudo do espaço hierarquizando-o e estratificando-o em torno do «ponto Aqui», que definem como o centro do universo para cada indivíduo, a partir do qual ele se estrutura e referencia face ao espaço circundante. A partir deste «ponto Aqui» os autores distinguem oito invólucros ou «conchas» que o indivíduo vai conquistando sucessivamente com vivências crescentes ao longo da sua vida desde a infância, passando pela adolescência e pela idade adulta. Pela sua importância merecem-nos referência algumas dessas «conchas», assim:

- A primeira, o «ponto Aqui» materializa os limites corporais e abrange a noção de «corpo próprio». Nas palavras de Cunha (1993) *«associam-se a este espaço valores que têm directamente a ver com a imagem do corpo, a higiene e a saúde. Estamos no domínio individual da intimidade, com os valores que lhe estão associados, mas também no entendimento da relação do indivíduo com o resto do mundo, com o seu envolvimento»*.
- A «sala do apartamento» e o «apartamento» delimitam o espaço de socialização onde emergem os primeiros jogos infantis que vão servir de ensaio para a abordagem a outros espaços e relações.

Na opinião de Feio (1985) os espaços restritos, sem condições higiénicas, sem visão do exterior, conduzem a comportamentos viciados, aos fenómenos de segregação social, à doença a que se juntam os problemas de patologia social, onde a improvisação habitacional e a sua rápida degradação ocasionam uma degradação familiar.

A preocupação com estes problemas levou uma equipa coordenada por Chombart De Lauwe a procurar prever o limiar a partir do qual eles têm maior possibilidade de se produzir.

Para Chombart De Lauwe (1975) o limiar melhor definido era dado pelo índice «metros quadrados / pessoa», assim: o nível patológico situa-se entre os 8 e os 10 metros quadrados, ao passo que o nível crítico se situa entre os 12 e os 14 metros. Mas do ponto de vista do sobrepovoamento: o limiar patológico é de 2,5 pessoas por assoalhada e o limiar crítico de 2 pessoas por assoalhada.

Ainda segundo esta autora o nível social das famílias é determinante na organização e produção de espaço. Pelo que se manifesta uma tendência para que os grupos mais modestos se adaptem a um tipo de vida mais colectivo, enquanto que da parte dos grupos mais abastados se verifica uma tendência para a distanciação e individualização, quer no interior quer no exterior do espaço habitacional.

4.3.5. RELAÇÃO ENTRE O AUTO CONCEITO/IMAGEM CORPORAL E A INTERACÇÃO COM OUTROS

Relativamente à relação entre o Auto Conceito/Imagem Corporal e a interacção com outros, podemos referenciar os seguintes estudos.

Pomerantz (1979)³⁰ afirma que os adolescentes masculinos e femininos obtêm satisfação social de fontes diferentes. As raparigas estudadas apresentavam mais auto satisfação interpessoal e física, enquanto que os rapazes eram mais orientados para satisfações de performance e externas. O mesmo autor (60-61), afirma ainda que *«para as raparigas, a auto valoração desenvolve-se como resultado do feedback dos outros. Assim, a forma como ela sente o seu corpo e si própria estão intimamente ligados, e de facto, provêm da capacidade da rapariga adolescente funcionar com o*

³⁰ Pomerantz (1979), citado por Schickedanz et al. (1982: 506).

seu mundo social. Por esse motivo, enquanto o sentido masculino de auto valoração se baseia em feitos e é transposto para o mundo social, o feminino restringe-se à sua audiência como fonte de identidade, auto-definição e auto-avaliação».

Vários estudos (Tuddenham, 1951³¹; Anastasiow, 1965³²; Cratty, 1967³³; Dwyer & Mayer, 1967³⁴; Ludwig & Maehr, 1967; Snyder & Spreitzer, 1973³⁵; Sorenson, 1974³⁶; Greendorfer & Lewko, 1978³⁷; Anshell, Muller & Owens, 1986; Horn & Hasbrook, 1986) referem a existência duma ligação entre uma aceitação no grupo de pares altamente positiva e a capacidade nos jogos e desportos.

Enquanto outros estudos (McGowan, Jarman & Pedersen, 1974³⁸; Hawkins & Gruber, 1982; Ebbeck & Stuart, 1993) verificaram que a aprovação dos pares não mudou como resultado do programa ou que a importância do grupo não contribui significativamente para a predição da auto-estima.

Apresentamos no quadro 6 o resumo dos estudos sobre a relação entre Auto Conceito/ Imagem Corporal e a interacção com os outros.

AUTOR	População e Amostra	Instrumento Resultados / Conclusões
Ligação entre a aceitação no grupo de pares e a capacidade nos jogos e desportos		
Tuddenham (1951)	Sem referência	<u>Sem referência</u> A destreza atlética é um aspecto central na constelação masculina de valores, firmada na coordenação motora, força, dimensões e maturidade física. No entanto, o nível de destreza ao ser muitas vezes controlado por factores exteriores à influência da criança, que pode tornar impossível a muitas crianças o alcançar dos valores do seu grupo de pares. As raparigas são menos dependentes do que os rapazes da posse de destrezas físicas específicas.
Anastasiow (1965)	Sem referência	A competência nas brincadeiras, jogos e desportos é importante em termos de aceitação social e de estatuto no grupo de pares.
Cratty (1967)	Sem referência	Para as raparigas entre os 5 e os 14 anos é importante ser moderadamente destro em termos de performance motora, mas depois disso uma performance motora superior em desportos que não os "aceitáveis" pode diminuir a popularidade duma rapariga.
Dwyer & Mayer (1967)	Sem referência	As raparigas parecem mais dependentes do sucesso social e do feedback positivo dos outros, enquanto que os rapazes estão mais preocupados com o êxito pessoal.
Ludwig & Maehr (1967)	Americana 65 rapazes do 7.º e 8.º grau	<u>Maehr-Haas Physical Self Test</u> <u>Uma medida de diferencial semântico</u> As mudanças no auto conceito são função da reacção de outros significativos e resultam em mudanças na preferência e escolha de actividades directamente relacionadas com a actividade física.
Snyder & Spreitzer (1973)	Sem referência	A aceitação e valor na equipa em que a criança ou jovem se inserem é importante em termos de aceitação social e de estatuto no grupo de pares.

³¹ Tuddenham (1951), citado por Gallahue (1989: 357).

³² Anastasiow (1965), citado por Gallahue (op.cit.: 354).

³³ Cratty (1967), citado por Gallahue (loc.cit.).

³⁴ Dwyer & Mayer (1967), citados por Cratty (1986: 69).

³⁵ Snyder & Spreitzer (1973), citados por Gallahue (loc.cit.).

³⁶ Sorenson (1974), citado por Williams (op.cit.: 289).

³⁷ Greendorfer & Lewko (1978), citados por Gallahue (loc.cit.).

³⁸ McGowan, Jarman & Pedersen (1974), citados por Williams (op.cit.: 290).

AUTOR	População e Amostra	Instrumento Resultados / Conclusões
Sorenson (1974)	Sem referência	<u>Sem referência</u> Os rapazes do 7.º grau participantes num programa especial de força demonstram um aumento considerável na popularidade de pares quando comparadas com não participantes.
Greendafer & Lewko (1978)	Sem referência	A competência nas brincadeiras, jogos e desportos e a aceitação e valor na equipa em que a criança ou jovem se inserem, são importantes em termos de aceitação social e de estatuto no grupo de pares.
Anshell, Muller & Owens (1986)	Americana 15 rapazes com idades entre os 6 e os 9 anos	<u>Student's Self-Assessment Inventory</u> <u>Sport Self-Concept Test</u> Uma experiência positiva de desenvolvimento de habilidades desportivas e relações entre pares, após um programa de 6 semanas, melhora a área do auto conceito relacionada com as habilidades desportivas.
Hom & Hasbrook (1986)	Americana 273 futebolistas de ambos os sexos	<u>Perceived Competence Scale for Children (Harter)</u> Existem diferenças significativas em função da idade nas fontes informativas que a criança utiliza: 1) O uso da comparação com os pares (como forma de avaliação da competência desportiva pessoal) aumenta dos 8 para os 14 anos. 2) A dependência do feedback avaliativo de adultos significativos (e.g., pais, professores e treinadores) e do resultado do jogo diminui com a idade na mesma faixa etária.
Não existem diferenças		
McGowan, Jarman & Pedersen (1974)	Sem referência	<u>Sem referência</u> A aprovação dos pares não muda como resultado de um período de treino de resistência, de 18 semanas.
Hawkins & Gruber (1982)	Americana 98 jogadores de Basebol	<u>Self-Esteem Inventory (Coopersmith)</u> As mudanças significativas em várias dimensões da auto-estima não estão relacionadas com a classificação de capacidade atribuída pelos treinadores.
Ebbeck & Stuart (1993)	Americana 100 jogadores de Futebol Americano com idades entre os 11 e os 14 anos	<u>Self-Perception Profile for Children</u> A importância do grupo não contribui significativamente para a predição da auto-estima.

Quadro 6 - Resumo dos estudos referenciados sobre a relação entre Auto Conceito/Imagem Corporal e a interação com outros.

5. RESUMO DAS INVESTIGAÇÕES

Neste ponto apresentamos um resumo das investigações realizadas sobre Auto Conceito/Imagem Corporal. Passemos então em análise as linhas de investigação identificadas.

Dos estudos referenciados sobre a *evolução ontogenética* parecem existir muitas dúvidas e poucas certezas. No entanto, parece poder concluir-se que:

- (1) A evolução do Auto Conceito e da Imagem Corporal sofre alterações que acompanham a evolução ontogenética, mas existem diferenças pontuais.

- (2) Para o Auto Conceito existem evidências de que durante a infância diminui com a idade (Trowbridge, 1972; Erhartic, 1977; Martinek et al., 1977; Martinek et al., 1978; Marsh et al., 1984; Marsh, 1985), ainda que essa redução possa não ser regular (Richardson et al., 1990), enquanto que durante a pré-adolescência e a adolescência existem dados contraditórios. Segundo alguns autores parece existir um início de recuperação dos níveis anteriores do Auto Conceito, cujo momento de recuperação varia do 7º ao 10º ano conforme os autores (Long et al., 1968; McCarthy & Hoge, 1982; Harter, 1983; O'Malley & Bachman, 1983; Marsh et al., 1985; Kalliopuska, 1987); enquanto que para outros se verificaria uma estabilização durante a primeira parte da adolescência (Dusek & Flaherty, 1981; Savin-Williams & Demo, 1984) ou até mesmo uma redução nítida de certas dimensões a partir dos 15 anos (Veiga, 1990; Fontaine, 1991).
- (3) A Imagem Corporal durante a primeira infância é pouco precisa, mas até à entrada na adolescência tende a melhorar gradualmente. Se bem que na opinião de alguns autores se possa verificar uma diminuição, após o que parece estabilizar.
- (4) As alterações no Auto Conceito e na Imagem Corporal, por efeito da idade, poderão resultar duma diferenciação progressiva das suas várias dimensões.

Dos estudos referenciados sobre a *diferenciação segundo o sexo* parecem existir muitas contradições. Pois os estudos ora indiciam não existirem diferenças entre sexos (Piers & Harris, 1964; Coopersmith, 1967; Simon & Bernstein, 1971; Trowbridge, 1972; Lerner et al., 1973; Reschley & Mittman, 1973; Healey & De Blassie, 1974; Hulbary, 1975; Simon & Simon, 1975; Vance & Richmond, 1975; Bruya, 1977; Erhartic, 1977; Martinek et al., 1977; Ezeilo, 1983; Kalliopuska, 1987; Mwamwenda, 1991), como atribuem a cada um deles valores mais elevados (*raparigas* - Martinek, 1978; Schempp et al., 1983; Richardson et al., 1990 / *rapazes* - Schneider, 1977; Smith, 1978; Omizo et al., 1981; Song & Hattie, 1984; Searcy, 1988). Possivelmente tal facto derivará duma diferenciação das várias dimensões do Auto Conceito, na linha da posição defendida por Fontaine (1991) e apoiada pelos estudos de Long et al. (1968), Berscheid et al. (1973), Mahoney & Finch (1976), Harter (1982, 1983), Marsh et al. (1983, 1984), Franzoi & Shields (1984), Wendel & Lester (1988), Adame et al. (1989), Veiga (1990) e Folk et al. (1993).

No entanto, Wylie (1979) avança uma explicação diferente ao afirmar que os fundamentos teóricos respeitantes à relação entre sexo e auto-estima geral podem ser divididos em duas categorias principais: os que atribuem pelo menos um papel secundário aos factores biológicos e aqueles que definem a relação exclusivamente em termos de influências sociais ou culturais.

Dos estudos sobre a *relação entre Auto Conceito/Imagem Corporal e as Práticas Educativas Familiares*, referenciámos os relativos à influência dos interesses desportivos dos pais no Auto Conceito e interesses desportivos das crianças e jovens, parece verificar-se que:

- (1) Existem indicações de que as relações entre Auto Conceito e percepção do interesse do pai pelo desporto mudam com a idade. No entanto, o sentido das mudanças não é evidente. Pois ora são mais notórias nas idades mais baixas (Felker, 1968), como acompanham a evolução etária (Felker & Kay, 1971; Kay et al., 1972).
- (2) A similaridade nos interesses desportivos entre pais e filhos parecem relacionados com o Auto Conceito (Kay et al., 1972).

Dos estudos referenciados sobre a *relação entre Auto Conceito/Imagem Corporal e o estatuto sócio-económico-cultural da família* parecem existir muitas contradições, pois os estudos ora indiciam não existirem diferenças entre estatutos sócio-económicos, como atribuem

a cada um deles valores mais elevados. As razões destas inconsistências, na opinião de Zirkel & Moses (1971: 254)³⁹ «parecem ser variadas e diversas. Algumas podem ser atribuídas a diferenças nas definições, instrumentos, desenhos experimentais, grupos etários, regiões, momentos históricos e à individualidade dos seres humanos que desafiam a categorização». Além disso, o nível social das famílias é determinante na *organização e produção de espaço*, manifestando-se uma tendência para que os grupos mais modestos se adaptem a um tipo de vida mais colectivo, enquanto que da parte dos grupos mais abastados se verifica uma tendência para a distanciação e individualização, quer no interior quer no exterior do espaço habitacional.

Dos estudos referenciados sobre a *relação entre Auto Conceito/Imagem Corporal e a ordem de nascimento* parecem existir indicações de os seus efeitos não serem significativos (Kohn & Schooler, 1969; Erhart, 1977). No entanto, Bachman (1970) verificou uma tendência para os filhos únicos apresentarem um resultado ligeiramente mais elevado do que os outros filhos.

Dos estudos referenciados sobre a *relação entre Auto Conceito/Imagem Corporal e a interacção com os outros* parece poder concluir-se que:

- (1) A competência nas brincadeiras, jogos e desportos e a aceitação e valor na equipa em que a criança ou jovem se inserem, são aspectos importantes em termos de aceitação social e de estatuto no grupo de pares (Tuddenham, 1951; Anastasiow, 1965; Snyder & Spreitzer, 1973; Greendorfer & Lewko, 1978). No entanto, estes aspectos parecem ser mais relevantes para os rapazes (Tuddenham, 1951; Sorenson, 1974), ao passo que nas raparigas sofrem alterações com a evolução ontogenética (Cratty, 1967).
- (2) As mudanças no Auto Conceito em função da reacção de outros significativos resultam em mudanças na preferência e escolha de actividades físicas (Ludwig & Machr, 1967; Anshell et al., 1986).
- (3) Os resultados de programas de treino, com durações variadas, revelam resultados contraditórios, pois enquanto Sorenson (1974) afirma existir um aumento da popularidade, McGowan et al. (1974) não verificaram alterações. Este facto poderá resultar de os seus efeitos se manifestarem em áreas distintas das analisadas, como afirmam Anshell et al. (1986) que encontraram mudanças relacionadas com as habilidades desportivas.
- (4) Apesar da importância do grupo poder ter algum significado para a auto-estima, não se revela como um preditor da auto-estima (Ebbeck & Stuart, 1993).

BIBLIOGRAFIA

- Adame, D.D., Johnson, T.C. & Cole, S.P. (1989). Physical Fitness, Body Image, and Locus of Control in College Freshman Men and Women. *Perceptual and Motor Skills*, 68 (2): 400-402.
- Alberts, C.L., & Landers, D.M. (1977). Birth Order, Motor Performance and Maternal Influence. *The Research Quarterly*, 48 (4): 661-670.
- Allport, G.W. (1943). The ego in contemporary psychology. *Psychology Review*, 50: 451-478.
- Amann-Gainotti, M. & Antenore, C. (1990). Development of Internal Body Image from Childhood to Early Adolescence. *Perceptual and Motor Skills*, 71 (2): 387-393.

³⁹ Gasser (1965), citado por Tucker (1981: 895).

- Anshell, M.H., Muller, D. & Owens, V.L. (1986). Effect of a Sports Camp experience on the Multidimensional Self-Concepts of Boys. *Perceptual and Motor Skills*, 63 (2, pt. 1): 363-366.
- Bachman, J. (1970). Youth in Transition, Vol. 2: *The Impact of Family Background and Intelligence on Tenth-Grade Boys*. Ann Arbor, Michigan, Surrey Research Center Institute of Social Research, Braun-Brumfield, Inc.
- Berscheid, E., Walster, E. & Bohrnstedt, G. (1973). The happy American body: A survey report. *Psychology Today*, 7: 119-131.
- Burns, R.B. (1986). *The Self Concept. Theory, Measurement, Development and Behaviour*. Essex, Longman.
- Chombart De Lauwe, M.-J. (Coord.) (1975). *Famille et Habitation. Sciences Humaines et Conceptions de l'habitation*. Vol. 1. Paris, Centre National de la Recherche Scientifique.
- Coopersmith, S. (1967). *The Antecedents of self-esteem*. San Francisco, W.H. Freeman & Co., Pubs.
- Cunha, L.M. (1993). «Espaço e Desporto» A relação do conceito de espaço com o desporto, analisada por várias perspectivas que contribuem para a sua definição. *Ludens*, 13 (3/4): 52-65.
- Dusek, J.B. & Flaherty, J.F. (1981). The development of Self-Concept during adolescent years. *Mono-graphs of the Society for Research in Child Development*, 46 (4, serial 191).
- Ebbeck, V. & Stuart, M.E. (1993). Who Determines What's Important? Perceptions of Competence and Importance as Predictors of Self-Esteem in Youth Football Players. *Pediatric Exercise Science*, 5 (2): 253-262.
- Ebihara, O., Ikeda, M. & Myiashita, M. (1983). birth Order and Children's Socialization into Sport. *International Review of Sport Sociology*, 18 (1): 69-90.
- Epstein, S. (1973). The self-concept revisited or a theory of a theory. *American Psychologist*, 28: 405-416.
- Erbaugh, S.J. & Clifton, M.A. (1984). Sibling relationships of preschool-aged children in gross motor environments. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, 55: 323-331.
- Erhartic, M.S. (1977). *Stability of Global Self-Concepts of Children from Three Different Elementary Schools During Their First Year in a Regionalized Junior High School*. Unpublished doctoral dissertation. Boston University School of Education. (U.M.I. Dissertation Services).
- Erikson, E.H. (1963). *Childhood and Society*. New York, W.W. Norton.
- Ezeilo, B.N. (1983). Age, Sex and self-concepts in a Nigerian population. *International Journal of Behavioural development*, 6: 497-502.
- Faria, L. & Fontaine, A.M. (1990). Avaliação do Conceito de Si Próprio de Adolescentes: Adaptação do SQD I de Marsh à População Portuguesa. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 6: 97-105.
- Faustino, A.J.D. (1994). *Desenvolvimento Motor e Auto Conceito - Estudo da Influência de Factores Biossociais e Capacidades Físicas na Evolução da Imagem Corporal em Jovens dos 13 aos 15 Anos de Idade*. I-II Volume. Tese de Mestrado em Ciências da Educação/Metodologia da Educação Física, Não publicada. Lisboa, F.M.H.-U.T.L.
- Feio, N. (1985). Habitação e Desenvolvimento Humano. Esboço de um quadro de investigação pluridisciplinar sobre um espaço social. *Ludens*, 9(3): 5-14.
- Felker, D.W. (1968). Relationship between self-concept, body build, and perception of father's interest in sports in boys. *Research Quarterly*, 39(3): 513-517.
- Felker, D.W. (1974). *Building Positive Self-Concept*. Minneapolis, M.N. Burgess.
- Felker, D.W. (1971). Self-Concept, Sport Interests, Sports Participation, and Body Type of seventh - and Eighth - Grade Boys. *Journal of Psychology*, 78 223-228.

- Fleming, J.S. & Courtney, B.E. (1984). The dimensionality of self-esteem. II. Hierarchical facet model for revised measurement scales. *Journal of Personality and Social Psychology*, 46: 404-421.
- Fleming, J.S. & Watts, W.A. (1980). The dimensionality of self-esteem: Some results for a college sample. *Journal of Personality and Social Psychology*, 39: 921-929.
- Folk, L., Pederson, J. & Cullari, S. (1993). Body satisfaction and Self-Concept of Third- and Sixth- Grade Students. *Perceptual and Motor Skills*, 76 (2): 547-553.
- Fontaine, A.M. (1991). Desenvolvimento do Conceito de Si Pr3prio e Realiza33o Escolar na Adolesc3ncia. *Psicologica*, 5: 13-3.
- Fox, K. (1988a). The Child's Perspective in Physical Education - Part 5: The Self-Esteem Complex. *The British Journal of Physical Education*, 19 (6): 247-252.
- Fox, K. (1988b). The Self-esteem Complex and Youth Fitness. *Quest*, 40: 230-246.
- Franzoi, S.L. & Shields, S.A. (1984). The Body Esteem Scale: Multidimensional Structure and Sex Differences in a College Population. *Journal of Personality Assessment*, 48 (2): 173-178.
- Gallahue (1989). *Understanding Motor Development: Infants, Children, Adolescents*. Indianapolis, Indiana, Benchmark Press, Inc., 2nd ed.
- Gecas, V. (1971). Parental behavior and dimensions of Adolescent Self-Evaluation. *Sociometry*, 34: 466-282.
- Gecas, V., Thomas, D. & Weigert, A. (1970). Perceived Parental-Child Interaction and Boys' Self-Esteem in Two Cultural Contexts. *International Journal of Comparative Sociology*, 77: 317-324.
- Gruber, J.J. (1985). Physical Activity and Self-Esteem Development in Children: A Meta-Analysis. In: Effects of Physical Activity on Children. A Special Tribute To Mabel Lee. *American Academy of Physical Education Papers* N3 19. Atlanta, Human Kinetics Publishers, Inc., for the American Academy of Physical Education: 30-48.
- Harter, S. (1982). The Perceived Competence Scale for Children. *Child Development*, 53: 87-97.
- Harter, S. (1983). Development perspectives on the self-system. In: P. Mussen (Ed.). *Handbook of Child Development*. 275-385, Vol. IV. New York, John Wiley.
- Havinghurst, R.J. (1948). *Developmental tasks and education*. Chicago, University of Chicago Press.
- Hawkins, D.B. & Gruber, J.J. (1982). Little League Baseball and Player's Self-Esteem. *Perceptual and Motor Skills*, 55 (3, pt. 2): 1335-1340.
- Healey, G.W. & De Blassie, R.R. (1974). A comparison of Negro, Anglo and Spanish-American Adolescent's self concept. *Adolescence*, 9: 15-24.
- Horn, T.S. & Hasbrook, C.A. (1986). Informational components influencing children's perceptions of their physical competence. In M. Weisse & D. Gould (Eds.). *Sport for Children and Youth: Proceedings of the 1984 Olympic Scientific Congress*. Champaign, Illinois, Human Kinetics: 81-88.
- Housley, K., Martin, S., McKoy, H., Greenhouse, P., Stigger, F. & Chopin, L. (1987). Self-Esteem of Adolescent Females as Related to Race, Economic Status, and Area of Residence. *Perceptual and Motor Skills*, 64 (2): 559-566.
- Hulbary, W.C. (1975). Race, deprivation, and adolescent self-images. *Social Science Quarterly*, 56: 105-114.
- Jersild, A.T. (1952). *In search of self*. New York, Bureau of Publications, Teachers College, Columbia University.
- Kalliopuska, M. (1987). Relation of Empathy and Self-Esteem to Active Participation in Finnish Baseball. *Perceptual and Motor Skills*, 69 (3, pt. 2): 1227-1234.
- Kay, R.S., Felker, D.W. & Varoz, R.O. (1972). Sports interests and abilities as contributors to self-concept in junior high school boys. *Research Quarterly*, 43 (2): 208-215.

- Lerner, R.M., Karabenick, S.A. & Stuart, J.L. (1973). Relations among physical attractiveness, body attitudes and self-concept in male and female college students. *Journal of Psychology*, 85: 119-129.
- Long, B.H., Ziller, R.C. & Henderson, E.H. (1968). Developmental Changes in the Self-Concept during Adolescence. *School Review*, 76: 210-230.
- Ludwig, D.J. & Maehr, M.L. (1967). Changes in self-concept and stated behavioral preferences. *Child Development*, 38 (2): 453-467.
- Mahoney, E.R. & Finch, M.D. (1976). Body-Cathexis and Self-Esteem: A Reanalysis of the Differential Contribution of Specific Body Aspects. *The Journal of Social Psychology*, 99: 251-258.
- Malina, R.M. (1980). Environmentally Related Correlates of Motor Development and Performance During Infancy and Childhood. In: C.H. Corbin (Ed.): *A Textbook of Motor Development*. Dubuque, Iowa, Wm. C. Brown Company Publishers, 2nd. edition.
- Malina, R.M. (1987). *Biocultural determinants of motor development*. Comunicação apresentada na Conferência do 25.º Aniversário da Association Internationale des Écoles Universitaires d'Éducation Physic, Lisboa, Portugal, Dezembro.
- Marsh, H.W. (1985). Age and sex effects in multiple dimensions of pre-adolescent self-concept: a replication and extension. *Australian Journal of Psychology*, 37: 197-204.
- Marsh, H.W. (1987). The hierarchical structure of self-concept and the application of confirmatory hierarchical factor analysis. *Journal of Educational Measurement*, 24: 17-39.
- Marsh, H.W. (1989). Age and Sex effects in multiple dimensions of self-concepts: pre-adolescence to early adulthood. *Journal of Educational Psychology*, 81:417-430.
- Marsh, H.W., Barnes, J., Cairnes, L. & Tidman, M. (1984). Self-Description Questionnaire (SQD): Age and sex effects in the structure and level of Self-Concept for preadolescent children. *Journal of Educational Psychology*, 76: 940-956.
- Marsh, H.W., Parker, J.W. & Smith, I.D. (1983). Preadolescent Self-Concept: its relation to Self-Concept as inferred by teachers and to academic ability. *British Journal of Educational Psychology*, 53: 60-78.
- Marsh, H.W., Parker, J. & Barnes, J. (1985). Multidimensional adolescent self-concepts: Their relationship to age, sex and academic measures. *American Educational Research Journal*, 22:422-444.
- Marsh, H.W., & Shavelson, R. (1985). Self-concept: Its multifaceted hierarchical structure. *Educational Psychologist*, 20: 107-123.
- Martinek, T.J. (1978). Decision-making in Elementary School Children: Effects on Body Concept and Anxiety. *Perceptual and Motor Skills*, 47 (3, pt. 1): 1015-1021.
- Martinek, T.J., Cheffers, T.J. & Zaichowsky, L.D. (1978). Physical Activity, Motor development and Self-Concept: Race and Age Differences. *Perceptual and Motor Skills*, 46 (1): 147-154.
- Martinek, T.J. & Zaichowsky, L.D. (1978). *Manual for the Martinek-zaichowsky self-Concept Scale for Children*. Jacksonville, Illinois, Psychologists and Educators, Inc.
- Martinek, T.J., Zaichowsky, L.D. & Cheffers, J.T. (1977). Decision-Making in Elementary Age Children: Effects on Motor Skills and Self-Concept. *Research Quarterly*, 48 (2): 349-357.
- McCandless, B.R. & Evans, E.D. (1973). *Children and Youth: Psychosocial Development*. Hinsdale, Illinois, The Dryden Press.
- McCarthy, J.D. & Hoge, D.R. (1982). Analysis of age effects in longitudinal studies of adolescent self-esteem. *Developmental Psychology*, 18: 372-379.
- McPherson, B.D., McKay, J.P. & Gruppy, L.N. (1977). The Social Structure of the Game and Sport Milieu. In: J.G. Albinson & G.M. Andrew (Ed.). *Child in Sport and Physical Activity*. Baltimore, University Park Press.

- Merleau-Ponty, M. (1972). *Phénoménologie de la Perception*. Paris, Gallimard.
- Moles, A. & Rohmer, E. (1972). *Psychologie de l'espace*. Paris, Castermann.
- Mwamwenda, T.S. (1991). Sex Differences in Self-Concept Among African Adolescents. *Perceptual and Motor Skills*, 73 (1): 191-194.
- Nash, J. (1970). *Developmental Psychology*. Englewood Cliffs, Prentice-Hall, Inc.
- O'Malley, P.M. & Bachman, J.G. (1983). Self-esteem: changes and stability between ages 13 and 23. *Developmental Psychology*, 19: 257-268.
- Piers, E. (1969). *Manual for the Piers-Harris Children's Self-Concept Scale*. Nashville, T.N., Counselor Recordings and Tests.
- Reschley, D.J. & Mittman, A. (1973). The relationship of self-esteem status and task ambiguity to the self-reinforcement behavior of children. *Developmental Psychology*, 9: 16-19.
- Richardson, M.J., Pyfer, J. & Sherrill, C. (1990). Self-Concepts of Costa Rican Elementary School Children. *Perceptual and Motor Skills*, 70 (3, pt. 2): 1331-1334.
- Rogers, C.R. (1951). *Client Centered Therapy*. Boston, Houghton Mifflin.
- Rosenberg, M. (1965). *Society and the Adolescent Self-Image*. Princeton, Princeton University Press.
- Savin-Williams, R.C. & Demo, D.H. (1984). Developmental change and stability in adolescent Self-Concept. *Developmental Psychology*, 20: 1100-1110.
- Schempp, P.G., Cheffers, J.T.F. & Zaichowsky, L.D. (1983). Influence of Decision-Making on Attitudes, Creativity, Motor Skills, and Self-Concept in Elementary Children. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, 54 (2): 183-189.
- Schickedanz, J.A., Schickedanz, D.I., & Forsyth, P.D. (1982). *Toward Understanding Children*. Boston, Little, Brown & Company.
- Searcy, S. (1988). Developing Self-Esteem. *Academic Therapy*, 23 (5): 453-460.
- Sears, R. (1970). Relations of Early Socialization Experiences to Self-Concept and Gender Role in Middle Childhood. *Child Development*, 41: 267-289.
- Shavelson, R.J., Hubner, J.J. & Stanton, G.C. (1976). Self-Concept: Validation of Construct Interpretations. *Review of Educational Research*, 46 (3): 407-441.
- Smith, L.D. (1978). Sex differences in Self-Concept revisited. *Australian Psychologist*, 13: 161-166.
- Smith, L.D. (1982). Self-Concepts and Movement Skills of Third Grade Children After Physical Education Programs. *Perceptual and Motor Skills*, 54 (3, pt. 2): 1145-1146.
- Trowbridge, N. (1972). Self Concept and Socio-Economic Status in Elementary School Children. *American Educational Research Journal*, 9 (4): 525-537.
- Veiga, F.H. (1990). *Auto-conceito e disrupção escolar dos jovens*. Tese de Doutoramento em Psicologia Educacional. Departamento de Educação da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.
- Wendel, G. & Lester, D. (1988). Body-Cathexis and Self-Esteem. *Perceptual and Motor Skills*, 67 (2): 538.
- Williams, H.G. (1983). *Perceptual and Motor Development*. Englewood Cliffs, New Jersey, Prentice-Hall, Inc.
- Wylie, R. (1974). *The Self Concept. Vol. 1. A Review of Methodological Considerations and Measuring Instruments*. Lincoln, University of Nebraska Press.
- Wylie, R. (1979). *The Self Concept. Theory and Research on Selected Topics*. Lincoln, University of Nebraska Press.
- Zaichowsky, L., Zaichowsky, L. & Martinek, T. (1980). *Growth and Development. The Child and Physical Activity*. St. Louis, C.V. Mosby Co.